

**O TRIUNFO DA FÉ NO POEMA *MUHURAIDA*, DE
HENRIQUE JOÃO WILKENS**

Yurgel Pantoja CALDAS¹

ABSTRACT: This work has a objective to examine the *Muhuraida* poem, by Henrique João Wilkens, as an important workmanship for the literary formation, not only of the Amazon region, but also of Brazil, form the national epic tradition of the second half of century XVIII.

Problema de pesquisa

Na historiografia literária brasileira, o poema épico *Muhuraida*, de autoria de Henrique João Wilkens, cujo manuscrito data de 1785 –, embora quase completamente desconhecido da crítica literária –, ao exortar o poderio militar português, ao mesmo tempo em que revela a capacidade de organização indígena para a defesa de seus interesses, insere-se no panorama literário nacional pelo fato de, entre outros motivos, abordar o tema indianista como a expressão que iria conferir ao movimento romântico brasileiro uma base de sustentação ideológica a partir das referências à formação do conceito de nacionalidade, articulada sob as concepções de identidade e afirmação nacional.

Em *Muhuraida*, a figura simbólica do índio, entre a literatura e a história, não é representada com o caráter típico de herói nacional, mas ecoa o largo processo de aniquilação tribal de que tem sido objeto. A segunda metade do século XVIII, período em que se situam as condições de formulação do poema *Muhuraida* – de estrutura épica, composto em oitava rima, e considerado o primeiro poema escrito em língua portuguesa sobre a Amazônia –, conta com a presença de *O Uruguay*, de Basílio da Gama (1769) – onde se narra a vitória luso-espanhola sobre os índios Guarani das missões jesuíticas no sul do Brasil – e *Caramuru*, de Santa Rita Durão (1781), que tematiza o legendário descobrimento da Bahia em meados do século XVI, por Diogo Álvares Correia. Esses são os dois poemas épicos do século XVIII que, para a tradição crítica brasileira, mais expressam a necessidade de inserir a figura do índio como elemento, senão central, ao menos destacado das narrativas, e que, dessa forma, contribuem para desenhar um contorno nacional a partir daquela figura. Ao contrário do que acontece com *O Uruguay* e *Caramuru*, não se conhecem registros de referência ao poema *Muhuraida* nos escritos ficcionais e críticos dos autores românticos da corrente indianista.

¹ Professor da Universidade Federal do Amapá; aluno do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários (doutorado em Literatura Comparada) da Faculdade de Letras (UFMG). Agradeço a Geórgia Marques, Helma Leite Martins e ao CNPq. E-mail: yurgel@uol.com.br

Uma questão importante das duas obras anteriores à de Wilkens é que seus respectivos autores – a despeito do grande interesse pela figura do índio, que passa a deter um espaço dramático próprio na literatura brasileira – defendem a legitimidade do império português, não apenas em relação às comunidades indígenas, mas também quanto ao posicionamento político-ideológico da colônia. Em outras palavras, o índio e o espaço brasileiros deveriam permanecer sob tutela da metrópole.

Por outro lado, aos escritores da primeira fase romântica causa impacto positivo a inserção do par amoroso Cacambo e Lindóia, de *O Uruguay*, e do triângulo formado por Paraguaçu, Moema e Diogo Álvares Correia, personagens de *Caramuru*, que constituem típicas referências da grande tradição romântica brasileira.

Fundamentação teórica

Organizando-se a partir da necessidade de uma unidade amazônica, *Muhuraida* se quer elemento de ligação entre a forte presença do Estado iluminista na região e uma obtusa consciência nacional, incipiente, contraditória e vacilante. Dessa maneira, o texto de Wilkens, assim como os épicos de Santa Rita Durão e Basílio da Gama, trabalha com a formação ainda débil de uma consciência nacional, embora já demarque o território de uma nação que deve ser aplainado por meio de vários processos de exclusão.

Se a construção da nação, para Ernest Renan, deve passar pelo crivo da assimilação das diferenças – via eliminação da barbárie pela civilização – para alcançar um panorama propício à unidade, o modelo europeu de Estado Nacional caracteriza-se pela “fusão das populações que o compõem.” A isso se chama a “coesão nacional” encenada nos encontros culturais entre índios e brancos colonizadores, em *O Uruguay*, *Caramuru* e *Muhuraida*.

Em *Muhuraida*, especificamente, além da tradição guerreira e do conseqüente espírito de revolta dos Mura contra as tentativas de assimilação que lhes eram impostas pelo projeto modernizador do Estado, a condição moral se instaura como forte obstáculo à inserção da comunidade mura na sociedade branca, burguesa e modernizadora, que necessita ser unificadora e brutal a todo custo. Assim, o “erro histórico” e o “esquecimento” constituem, para Renan, condições fundamentais para a criação de uma nação, já que sua essência “é que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas.”

A forma poético-narrativa do gênero épico, que exalta as conquistas heróicas de uma coletividade, coincide com o projeto de desenvolvimento colonizador no Brasil, o qual, nesse momento, com a fase decrescente do ciclo do ouro na região centro-sul do país, começa a se voltar para a Amazônia, por meio de um processo de ocupação do espaço físico e de exploração econômica de seus recursos naturais. Esse projeto de modernização – do ponto de vista da Coroa portuguesa – ocorria no campo da agricultura, tendo sido lançado pelo Marquês de Pombal e financiado pela Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, que já previa uma reserva de mão-de-obra assalariada cabocla e indígena, o que resultou, segundo David Treece, num processo de “proletarização das grandes comunidades tribais da região, ou seja, dos povos indígenas.”

No entanto, haveria um considerável entrave a esse projeto desenvolvimentista para a Amazônia: as missões jesuíticas, que dois séculos antes já haviam se instalado no interior do Brasil com interesses catequéticos de dilatação da fé cristã, os quais logo se revelaram também como interesses políticos, ideológicos e econômicos, visto que os inicianos conseguiam obter bons lucros de muitas atividades agrícolas, como a extração das chamadas drogas do sertão.

Na construção de uma nova visão do índio e de seu território, a partir de um percurso histórico proporcionado pela leitura de *Muhuraida*, vale observar as anotações de Walter Benjamin, que consideram a narrativa da experiência coletiva dos vencidos. Essa linha de pensamento faz emergir uma história perdida, recalcada e esquecida pelas guerras de conquista e exploração da gente e do território, no caso dos Mura. Essa experiência histórica encontra na narração um meio para a constituição do sujeito coletivo indígena e, conseqüentemente, fabrica uma idéia de nacionalidade para a colônia do Império português.

Na perspectiva benjaminiana, a historiografia de eixo burguês lida com a noção de um tempo linear, homogêneo e vazio, portanto, sem espaço para experiências narrativas que não sejam aquelas apresentadas pela chamada “história oficial”. Em busca de uma linha crítica que envolva as relações existentes entre *Muhuraida*, a literatura da época sobre a formação da identidade nacional e a crítica literária que se produziu a partir desse referencial, a visão de Benjamin sobre a história, expressa em “Sobre o conceito da História” – onde o discurso dos vencidos ganha voz no cenário de conflito entre as noções de civilização e barbárie – deve ser articulada à proposta de colonização e exploração (no período entre os séculos XVIII e XIX) das terras conquistadas.

Muhuraida só surge como fonte de interesse para uma crítica literária, ainda assim de forma muito restrita, a partir do estudo de Mário Ypiranga Monteiro, publicado no *Jornal de Letras*, de Manaus, na edição de maio de 1966. As dificuldades de circulação de uma obra literária para um autor como Wilkens se multiplicam, já que ele está radicado no interior da capitania do Rio Negro, situado, portanto, na periferia do espaço cultural da colônia no século XVIII. Tais circunstâncias podem servir para explicar o longo desaparecimento de *Muhuraida*, desde sua primeira edição em 1819 até o artigo de Mário Monteiro.

Sobre a motivação de *Muhuraida* – apresentada no extenso subtítulo da obra² – podem-se considerar as sistemáticas pressões militares, as epidemias ocasionadas pelo contato com os brancos e uma longa guerra contra a nação Mundurucu como prováveis motivos da “rendição” mura. Contudo, outra explicação, esta de cunho místico-religioso, para a derrota indígena é que chama a atenção de Wilkens, podendo ser confirmada pelo próprio subtítulo da obra em questão, onde se vê a figura política de João Pereira Caldas – a quem o poema é dedicado e oferecido – como o agente do milagre da “conversão” religiosa dos Mura. Um trecho da Dedicatória do poema corrobora a versão religiosa para a derrocada indígena, abordando a pessoa do dito ex-governador do Pará, que “não foi mero espectador, mas sim, depois de Deus, o primeiro

² O subtítulo do poema é o seguinte: “Ou o triunfo da fé na bem fundada esperança da inteira conversão e reconciliação da grande e feroz nação do gentio Mura”.

motor e agente dos oportunos meios, que este fim interessante ao serviço de Deus e da Soberana conseguiram completamente.”

Desse modo, a rendição dos Mura – nos termos de uma paz tão surpreendente quanto milagrosa para as circunstâncias políticas da época, segundo o discurso colonial – revela uma crença de que o fato tenha sido uma obra divina, como mostra o trecho de uma carta do mesmo João Pereira Caldas: “também não devemos duvidar da infinita misericórdia de Deus, para que Ele permita [que] se realize uma obra tanto de sua glória e tanto de sua piedade, em libertar a estes miseráveis povos de tão cruel flagelo.”

Por outro lado, historicamente, os conflitos incontestáveis entre as forças coloniais – tentando de todas as maneiras “civilizar” aqueles “bárbaros”, impondo-lhes um progresso para eliminar o atraso em que viviam – deram o tom dessa disputa militar e discursiva no período entre os séculos XVIII e XIX, marcado pela necessidade de oficial de modernizar o espaço selvagem que se impunha como terrível barreira à civilização. O estudo de *Muhuraida* e de seus eventos constitutivos, ao colocar em xeque essa orientação discursiva oficial, caracteriza-se por uma experiência dinâmica com o passado, garantindo o estabelecimento de uma memória narrativa. Em outras palavras, *Muhuraida* – mesmo ressaltando o triunfo do império português e da administração colonial brasileira sobre os índios Mura – surge como a expressão de um discurso indígena que se sustenta pela postura de resistência à política oficial de ocupação e domínio do território amazônico. Dessa forma, o poema de Wilkens expõe os conflitos e as contradições narrativas de todo um processo de civilização aplicado na região amazônica no decorrer do século XVIII. Trata-se, portanto, de uma tarefa que reivindica a ação benjaminiana de “escovar a história a contrapelo.”

Na história da colonização da Amazônia, os índios Mura começam a ser registrados em documentos a partir do século XVIII, conforme carta de Curt Nimuendaju a Alfred Métraux, em 1928:

Au XVIII siècle, les Mura etaient soit totalement inconnus, soit une tribu insignifiante désignée d'autre nom. Après l'anéantissement des grandes tribus sédentaires que habitaient sur les rives de l'Amazone [...], la tribu des Mura s'étendit brusquement d'une manière fabuleuse au milieu de XVIII siècle.

Com violenta hostilidade, historicamente os Mura sempre rechaçavam toda e qualquer possibilidade de sua assimilação pela cultura branca, o que motivou inúmeras campanhas de extermínio daquela comunidade, considerada pelos brancos como “incivilizáveis” – justificativa determinante para ações militares contra os Mura, como a guerra justa.

Parte desse contato conflituoso entre os brancos e os nativos da região revela-se com a publicação dos *Autos da devassa contra os índios Mura do rio Madeira e nações do rio Tocantins (1738-1739)*, pela Comissão de Documentação e Estudos da Amazônia (CEDEAM), reforçando a aproximação entre o primitivismo e a noção de bárbaros aplicada aos Mura:

Está tudo infeccionado de uma nação de índios bárbaros chamados Mura, os quais andam tão insolentes, que nestes anos próximos, não somente tem morto a muitos

índios remeiros das canoas [...] mas também [...] mataram e flecharam a muitos deles, sem mais causa que a sua braveza e malignidade, e lhes tomaram todos os trastes.

A denúncia inicial dos *Autos da devassa...* é reafirmada num documento assinado pelo padre José de Souza, membro da Junta das Missões – apesar de ainda pairarem algumas dúvidas quanto à legitimidade da declaração de guerra contra os Mura:

por não se saberem em particular as nações que impedem o comércio e infestam aquele rio [no caso, o Tocantins]; contudo, como entendo ser certo que algumas nações do dito rio tem feito as hostilidades, que na devassa se referem, impedindo o trânsito aos portugueses; julgo se lhes poderá fazer guerra, procedendo primeiro averiguação individual das nações criminosas.

Nesse percurso teórico-crítico, configura-se como tarefa importante investigar a trajetória do poema épico *Muhuraida*, no sentido de articular os signos dessa obra que circulam sob a forma de elementos estético-literários, histórico-geográficos e político-ideológicos. Nosso objetivo é contribuir para que a obra de Henrique João Wilkens seja inserida na tradição literária brasileira, de forma a permitir uma re-configuração desse cânone, a partir de uma obra até hoje desconhecida da crítica literária nacional.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, será fundamental uma leitura crítica do poema épico *Muhuraida*, a partir das referências históricas nele apresentadas, com o intuito de compreender a lógica do processo civilizador aplicado na região amazônica, especificamente no século XVIII.

Não se trata aqui de fazer uma leitura histórica da obra literária, mas de verificar suas fontes e suas condições de produção para provocar a inserção do poema de Wilkens na historiografia literária brasileira. Com isso, tem-se a possibilidade de compreender a obra como importante elemento estético do qual se extraem leituras diversas.

Como apoio à leitura comparativa que se pretende fazer com os épicos de Basílio da gama e Santa Rita Durão, devem ser utilizadas as informações documentais da época relativas à construção de um imaginário sobre a Amazônia, a partir do olhar estrangeiro e da perspectiva nacional manifestada pelo discurso da administração colonial. Vale ressaltar também a importância da consulta à crítica literária da época e à literatura escrita acerca da Amazônia.

As etapas a serem seguidas, após as leituras de *Muhuraida* e de sua respectiva fortuna crítica, consistem no seguinte: a) exame de documentos referentes ao projeto de ocupação civilizadora na Amazônia; b) estudo de relatos de viajantes e expedições de reconhecimento e demarcação das fronteiras amazônicas; e c) verificação da correspondência oficial entre Portugal e Brasil concernente a elementos que são parte da formulação de *Muhuraida*, como as guerras contra os Mura.

Referências Bibliográficas:

- CEDEAM (1986) *Autos da devassa contra os índios mura do rio Madeira e nações do rio Tocantins (1738-1739)*. Manaus: Universidade do Amazonas; Brasília: INL.
- COUTINHO, A. C. da F. (1873) “Notícias de voluntária redução de paz e amizade da feroz nação do gentio Mura nos anos de 1784, 1785 1786”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* XXXVI, 323-92.
- DURÃO, S. R. (1913 [1781]) *Caramuru*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier.
- GAMA, J. B. da. (1995 [1769]) *O Uruguay*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- MONTEIRO, M. Y. (1966). “A Muhraida”. *Jornal de Letras*, Manaus, 193/194.
- NIMUENDAJU, C. (1928) “Lettre datée du Belém du Pará, 30 octobre 1927”. *Journal de la Société des Américanistes* 3, 245-54.
- RENAN, E. (1999 [1882]) “O que é uma nação?” Trad. de Renato de Mello. *Caligrama* 4. Belo Horizonte: UFMG/FALE.
- TREECE, D. H. (1993) “O indianismo épico e a crise do projeto colonizador”. WILKENS, H. J. *Muhuraida ou o triunfo da fé*. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Governo do Estado do Amazonas, 13-31.
- WILKENS, H. J. (1993 [1819]) *Muhuraida ou o triunfo da fé*. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Governo do Estado do Amazonas.